

**LINGUAGEM E ENUNCIÇÃO:
UMA ABORDAGEM DOS GÊNEROS TEXTUAIS
NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA**

Silvio Nunes da Silva Júnior (UNEAL)

junnyornunes@hotmail.com

Gabriela Ulisses Fernandes (UNEAL)

RESUMO

O presente trabalho visa refletir acerca da linguística da enunciação, desbravando a linguística textual por meio da aplicação dos gêneros textuais no ensino de língua materna. Os gêneros textuais são aspectos que avançam de acordo com as transformações sociais, correspondem aos diversos textos que, grosso modo, fazem parte da vida do aluno na escola e no convívio social. Nesse sentido, propomos apontar estratégias de aplicação dos gêneros textuais no ensino de língua materna, o que irá facilitar o desempenho do professor, ocasionando na melhor qualidade do processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Enunciação. Gêneros textuais. Ensino de língua materna.

1. Introdução

A língua em suas diversas faces nos traz reflexões ricas e dignas de muitas abordagens. Nesse trabalho, propomos investigar as implicações dos estudos enunciativos por meio dos gêneros textuais no ensino de língua materna, visando apontar estratégias pertinentes ao aprimoramento das práticas acatadas pelos docentes de língua portuguesa.

O estudo da interação é há muitas décadas alvo de diversos estudos linguísticos concretizando-se na perspectiva enunciativa dessa área. A linguística da enunciação abrange as seguintes linhas do estudo da língua: sintaxe, semântica argumentativa, linguística textual e outras; visto isso, expandiremos brevemente no decorrer desse trabalho a linguística textual, enfatizando a presença dos gêneros no trabalho com textos no ensino de língua materna.

Os gêneros textuais são elementos de destaque em nosso convívio social, eles existem em quantidade significativa e possuem uma grande relevância para o processo de ensino-aprendizagem. A dinamicidade dos gêneros textuais em diversos pontos o trabalho docente e faz com que os discentes sejam levados ao aprimoramento de seus conhecimentos, melhorando as habilidades discursivas em sala de aula, uma vez que o ensi-

no sempre abrange os textos nos diversos gêneros.

Assim, os gêneros textuais trazem à tona inúmeras discussões e, com isso, discutiremos os estudos primordiais da linguística da enunciação, abrangendo a interação por meio de práticas sociais e linguísticas, em seguida expandiremos as reflexões sobre texto e ensino de língua materna, logo após traremos algumas conceituações sobre os gêneros textuais e, por fim, apresentamos uma proposta norteadora enfatizando o ensino de língua materna com os gêneros textuais.

2. Breves considerações acerca da linguística da enunciação

Iniciando essa reflexão partimos, primeiramente, dos primórdios linguísticos, mais precisamente, do *Curso de Linguística Geral*, este sendo o ponto de partida da linguística moderna, apresentando então a visão estruturalista de Ferdinand de Saussure, onde os estudos linguísticos estiveram por anos empregados na concepção de língua e fala como um sistema de signos, sendo contestado logo depois por outras teorias, assim como a gerativa.

Nessa perspectiva, cabe lembrar a grande e expansiva largada dada pelo gerativismo de Chomsky, vindo no intuito de revolucionar o estudo linguístico, diferindo da concepção saussuriana de língua e fala que, entretanto, não teve resultados favoráveis da maneira em que o fundador imaginava. Tal situação fez com que, depois dos estudos avançados de Chomsky, os conceitos de Saussure começassem a ocupar um patamar renomado e marcado como início do estudo linguístico na modernidade.

Partindo desse dinamismo que surge pelo dado objeto da ciência linguística, há quem afirme que, como a linguística não foi à primeira ciência a ser concretizada, essa teve que contar com o conceito de estabilidade já existente. Em oposição a esta concepção tem-se a tendência de ciência contemporânea que contempla o estudo das instabilidades, desse modo, criando um esquema entre forças coesivas e dispersivas que, ao comparar-se com a concepção de Fiorin, torna-se mais compreensível em forma de jogo, visto que, “quando a instabilidade gera o risco de incompreensão ocorre à estabilização e quando esta produz uma ossificação acontece um processo de instabilização”. (FIORIN, 2002, p. 20)

Fiorin, ao tempo em que vê a ciência linguística como um jogo, procura estabelecer uma explicação sistemática para com o desenvolvimento dessa ciência no mundo, contribuindo, assim, com novas pesqui-

sas que surgiram através das diversas concepções no estudo linguístico.

A linguística como ciência ampla e abrangente, é recipiente de discussões diversas no que diz respeito aos fenômenos da língua e, possui dimensionamentos que quando expostos complementam uns aos outros. Nesse contexto, na teoria enunciativa “[...] abriga-se uma variedade de correntes e teorias que, tratando do fenômeno enunciação, recebem denominações diferentes de acordo com o modo como tratam tal objeto”. (GIACOMELLI, 2005, p. 833)

Nesse sentido, a teoria da enunciação aborda desde seu princípio as linhas que estudam a interação, assim como a análise e a teoria do discurso, a linguística textual, a semântica, no que tange ao contexto argumentativo, como, também, a pragmática e a análise da conversação.

Complementando essa conceituação, pode-se acrescentar que a linguística da enunciação opõe-se à concepção formalista da linguagem, uma vez que a abordagem formalista enxerga a linguagem como um conjunto de frases, expressando o pensamento e descrevendo as frases sem depender do contexto no qual as mesmas estão situadas, visto que a teoria da enunciação defende uma visão de organização em suas pesquisas científicas, onde tudo deve ser organizado em seus respectivos conceitos de estudos, em outras palavras, a linguística da enunciação adota uma perspectiva funcionalista, e não formalista.

Tratando de interação por meio da filosofia da linguagem, as concepções bakhtinianas possuem grandes e completas influências para o estudo linguístico da enunciação. O filósofo da linguagem define uma ordem que deve ser seguida no decorrer dos estudos da linguagem para serem realizados.

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas onde esta se realiza.
2. As formas das enunciações distintas, os atos de fala, em ligação estreita com a interação da qual eles constituem os elementos /.../
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual. (BAKHTIN, 1977, p. 137)

A concepção bakhtiniana está de acordo com o que foi assinalado anteriormente, onde citamos que os estudos da enunciação seguem uma organização e, neste caso, não condizem com a perspectiva formalista. Desse modo, tanto a análise do discurso, como a linguística textual, a análise da conversação, a semântica e a pragmática devem seguir essa

ordem, ou seja, essa organização dada por Bakhtin.

Entendendo de forma mais abrangente a finalidade de Bakhtin, a linguística da enunciação como estudo da interação, busca destacar em primeiro plano o objeto de estudo, uma vez que se deve, primeiramente, partir das condições que a pesquisa deve estar. Assim, portanto, não se pode estudar a interação se não souber a perspectiva que se busca investigar.

O autor também ressalta que as teorias enunciativas visam no princípio estudar a interação e, utilizam os dados de fala para a constituição de alguns dos seus aparatos metodológicos, criando assim, essa ligação estreita que forma os elementos. Contudo, a concepção bakhtiniana também destaca a hoje denominada “análise” como exame das formas da língua, ou seja, analisar as formas da língua de acordo com a interpretação linguística em que a pesquisa se situa.

Agregando o que foi exposto com a perspectiva de interface com o ensino de língua materna, é necessário por em pauta algumas considerações de Emile Benveniste que trata enunciação como meio de “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. (BENVENISTE, 1974/1989, p. 82)

O ato individual, necessariamente, toma consigo uma peculiaridade – esta sendo – a capacidade discursiva de cada indivíduo. Essa consideração nos leva a discutir a constituição da aprendizagem por meio da interação individual em sala de aula, trazendo a tona alguns questionamentos: como podemos desenvolver a aprendizagem do aluno por meio de um ato individual? Quais as práticas a serem adotadas? Qual a linha enunciativa que devemos seguir?

Postas as reflexões e os questionamentos apontados acima, propomos mais a frente especificar uma das perspectivas provenientes ao estudo enunciativo – a linguística textual, no sentido de desmembrar as concepções de texto com a finalidade de apontar estratégias de ensino de língua materna através do estudo do texto como conjunto de elementos dotados de sentido provindos de capacidades adquiridas na escola, tendo como vínculo principal, o ensino de língua materna.

3. O texto e o ensino de língua materna

Iniciamos esse tópico refletindo o texto como,

[...] um produto – lógico – do pensamento (uma representação mental) do autor, nada mais cabendo ao leitor/ouvinte senão “captar” essa representação mental, juntamente com as intenções (psicológicas) do produtor. Desta forma, o ouvinte exerce um papel essencialmente passivo. (KOCH, 2002, p. 2)

Concordamos com Koch, pois, da maneira em que a autora enxerga o texto como um produto, este parte de uma interação, assinalando ainda que o leitor assume um papel passivo diante da interação ativa com o autor que expõe suas intenções psicológicas, demonstrando, dessa forma, as relações de sentido presentes no decorrer da produção. Nesse momento, entramos numa discussão acerca das implicações do estudo do texto no ensino de língua portuguesa, entrelaçando a teoria à prática objetiva nesse estudo.

O ensino de língua portuguesa está voltado em grande escala ao estudo do texto. Nesse sentido, o professor deve preocupar-se não só com as habilidades de leitura e escrita dos alunos, mas, com a construção de capacidades que geram competências discursivas por parte dos alunos em escolarização, pois os PCN determinam que “Toda educação comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para que o aluno possa desenvolver sua competência discursiva”. (BRASIL, 1998, p. 23)

Dessa maneira, voltamos a discutir a interação como ponto macro nessa definição, uma vez que a leitura é um diálogo entre interlocutores e abrange diante das relações de sentido, uma interação apta a determinar se o conjunto de elementos está em harmonia. As considerações dos PCN anteriormente expostas nos fazem relatar que estes veem a língua em sua heterogeneidade, isto é, um conjunto de possibilidades que em uso tendem a constituir formações discursivas diversas. Acrescentam também uma concepção que cruza os fenômenos linguísticos com o texto, respectivamente.

Quando se toma o texto como unidade de ensino, ainda que se considere a dimensão gramatical, não é possível adotar uma caracterização preestabelecida. Os textos submetem-se as regularidades linguísticas dos gêneros em que se organizam e as especificidades de suas condições de produção: isso aponta para a necessidade de priorização de alguns conteúdos e não de outros. (BRASIL, 1998, p. 78-79).

A gramática normativa especialmente adotada pelo ensino de língua materna estabelece um conjunto característico de normas a serem seguidas no decorrer da longa trajetória escolar, posto que, o ensino da língua transcende em todos os níveis de ensino, possuindo bagagem expansiva que corresponde abundantemente os referidos níveis. Os textos não

são diferentes, possuem regularidades diversas para terem sentido completo no diálogo entre interlocutores. É nesse pensamento que consta nos PCN a priorização de alguns conteúdos.

Nessa perspectiva, em entrevista, Ingedore Villaça Koch, assinala que o ensino já vem passando e acompanhando diversos avanços no que diz respeito ao trabalho com textos em sala de aula.

A maior mudança foi que se passou a tomar o TEXTO como objeto central do ensino, isto é, a priorizar, nas aulas de língua portuguesa, as atividades de leitura e produção de textos, levando o aluno a refletir sobre o funcionamento da língua nas diversas situações de interação verbal, sobre o uso dos recursos que a língua lhes oferece para a concretização de suas propostas de sentido, bem como sobre a adequação dos textos a cada situação. (KOCH, 2003, p. 1)

Na maioria das vezes essa mudança não se trata da apropriação das teorias da linguística textual por parte dos professores de língua materna, mas sim, de uma visão mais apurada acerca dos avanços sociais que a educação – como meio social – acompanha. Assim, quando questionada sobre as contribuições da linguística textual para o professor de língua materna, a autora responde o que vislumbramos em evidência, sendo a maneira de dotar “[...] o professor de um instrumental teórico e prático adequado para o desenvolvimento da competência textual dos alunos” (KOCH, 2003, p. 2), em outras palavras, os avanços dados pela linguística textual no ensino partem do professor, para fins do desenvolvimento das capacidades discursivas dos alunos.

Parafraseando essas considerações com práticas voltadas ao ensino de língua portuguesa, observa-se que o trabalho com gêneros textuais abrange todas as necessidades de desenvolvimento discursivo dos alunos através de práticas comunicativas de leitura e escrita, assim como assinala Swales (1990),

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos exemplares compartilham os mesmos propósitos comunicativos. Estes propósitos são reconhecidos pelos membros especialistas da comunidade discursiva de origem e, portanto, constituem o conjunto de razões para o gênero. Estas razões moldam a estrutura esquemática do discurso e influenciam e limitam a escolha de conteúdo e de estilo. (SWALES, 1990, p. 58, tradução nossa)

Compreendendo as afirmações de Swales, vemos necessário discutir no próximo momento de maneira mais abrangente acerca dos gêneros textuais e suas implicações no ensino, trazendo a prática geradora do processo de ensino-aprendizagem, métodos e pressupostos provenientes a relação sociedade e escola, uma vez que os gêneros nada mais são que

práticas sociais.

4. Gêneros textuais: sociedade e ensino de língua materna

Gêneros textuais são estruturas que constituem o texto, sejam eles orais ou escritos. “[...] hoje, gênero é facilmente usado para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias” (MARCUSCHI, 2008, p. 147). Estes são facilmente reconhecidos por manterem-se sempre parecidos e, com suas características comuns procuram sempre alcançar intenções comunicativas congêneres e surgem sempre em situações peculiares no dia a dia.

Podemos dizer que os gêneros textuais tratam das diversas formas da língua existentes na sociedade em que estamos inseridos, sejam eles orais ou escritos, formais ou informais, assim, será quase inevitável o uso dos gêneros em nossas conversas e produções textuais. Cada gênero possui um estilo peculiar o que os diferenciam dos demais.

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo em princípio listagens abertas. (MARCUSCHI, 2008, p. 155)

É grande o número de gêneros textuais existentes na sociedade, temos vários exemplos como: carta, romance, bilhete, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, resenha, resumos, textos da internet, poemas entre outros, que podem ser divididos entre primários e secundários, orais e escritos. Os gêneros primários correspondem ao diálogo no dia a dia; o secundário constitui os romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie e os grandes gêneros publicitários. Os gêneros primários são denominados simples, já os secundários são complexos segundo Bakhtin (2003) existe uma diferença entre estes dois gêneros.

A diferença entre os gêneros primário e secundário (ideológicos) é extremamente grande e essencial, e é por isso, mesmo que a natureza do enunciado deve ser descoberta e definida por meio da análise de ambas as modalidades; apenas sob essa condição a definição pode vir a ser adequada a natureza complexa e profunda do enunciado(e abranger as suas facetas mais importantes); a orientação unilateral centrada nos gêneros primários redundará fatalmente na vulgarização de todo o problema(o Behaviorismo linguístico é o grau extremo de tal vulgarização). (BAKHTIN, 2003, p. 264)

É evidente que entre estes dois gêneros há muitas divergências que são de extrema relevância na hora de compreender cada um deles. É notório também que o autor faz uma crítica a respeito da vulgarização no processo de aprendizagem do aluno, em questionamento ao behaviorismo (estímulo – resposta) em que o indivíduo só aprende se estimulado a tal atividade, porém, de fato, toda criança já nasce provida do dispositivo da aquisição de conhecimentos, ou seja, desde cedo já possui capacidade de aprender e, também, transmitir conhecimentos diversos.

No que tange ao estudo e reconhecimento dos tipos de gêneros faz-se necessário vislumbrar que o leitor saiba distinguir o que é gênero textual, em suas modalidades: gênero literário e tipo textual. Cada uma das classificações é referente aos textos, entretanto, é necessária a atenção constante, pois cada uma possui significados que distanciam os conceitos de todas.

- Gênero Literário – nestes são abordados apenas os textos literários, diferente do gênero textual, que abrange todo tipo de texto. O gênero literário é classificado de acordo com a sua forma, podendo ser encaixado em gêneros líricos, dramático, épico, narrativo dentre outros.
- Tipo textual – este é a forma como o texto se apresenta, podendo ser classificado bem como: narrativo, argumentativo, dissertativo, descritivo, informativo ou injuntivo. Cada uma dessas classificações pode variar de acordo como o texto se apresenta e com a finalidade para o qual foi produzido.

Existe uma grande variedade de gêneros textuais, eles são aparatos essenciais para nossa comunicação, seja oral ou escrita, e auxiliam-nos de maneira significativa, com estilos próprios que se adequam e se adaptam ao tipo de leitor e ambiente no qual se encontram.

Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso. (BAKHTIN, 2003, p. 285)

Portanto, os gêneros textuais acompanham cada avanço da sociedade, empregando na educação todos os parâmetros necessários para compor o que rege o ensino de língua materna, tanto na educação básica como na superior. Dessa forma, o estudo do texto não se prende apenas a uma categoria de gênero, mas, necessita a cada vez mais de abrangências

necessárias, desenvolvendo constantemente e aprimorando as capacidades discursivas dos alunos em aprendizagem.

5. *Uma proposta*

O trabalho com gêneros textuais em sala de aula vai muito além de mera experiência. Para que o professor enquadre efetivamente práticas sociais no ensino de língua materna, este deve primeiramente, apto a acaatar tanto as estratégias expostas no livro didático; quanto às práticas adquiridas no trajeto de sua formação. Da maneira em que o ensino é sistemático e necessita de diversos olhares e perspectivas, Schneuwly e Dolz (2004) destacam que,

Unidade de trabalho escolar, constituída por um conjunto de atividades que apresentam um número limitado e preciso de objetivos e que são organizadas no quadro de um projeto de apropriação de dimensões constitutivas de um gênero de texto, com o objetivo de estruturar as atividades particulares em uma atividade englobante, de tal forma que essas atividades tenham um sentido para os aprendizes. (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004, p. 70)

Todas as atividades realizadas em sala de aula – de modo imprescindível – necessitam constituir algum tipo de habilidade no aluno, isto é, o que se realiza na escola, mais precisamente, em sala de aula, deve contribuir de alguma forma na formação do aluno, é nessa perspectiva que os autores englobam o termo sentido para dar finalidade às atividades voltadas à escola.

Com isso, no presente tópico dessa discussão visamos destacar as contribuições de textos inicialmente literários, porém com multifaces no ensino de língua portuguesa, como alternativas no trabalho com gêneros textuais em aulas de língua portuguesa, preferencialmente nas séries iniciais do segundo ciclo do ensino básico.

Os textos literários possuem, além das contribuições humanísticas da literatura, diversas entrelinhas importantes que podem ser aproveitadas na prática de ensino. Dessa maneira, é pertinente vislumbrarmos que os textos literários podem ser utilizados por dois vieses diferentes: a) análise literária e b) análise gramatical como texto didático.

Nesse sentido, convém lembrar que não se deve desmistificar totalmente a finalidade do texto literário, entretanto, achamos importante empregar esses textos em outras faces e perspectivas. Os PCN ressaltam que,

No mundo atual, mais que nunca, é essencial deter a competência de ler nos vários níveis possíveis de leitura. É papel da escola, e não apenas das disciplinas da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, desenvolver essa competência. (...) A proficiência em leitura deve se estruturar gradativamente, a partir do ensino fundamental. A leitura deve integrar como elemento articulador, todas as disciplinas do currículo, abrindo muitas possibilidades de trabalho para o professor. (BRASIL, 1998, p. 107)

Na sociedade educacional hodierna, os alunos são cobrados mais enfaticamente quando comparadas as exigências de tempos atrás, por essa razão, os PCN já detêm em seu regimento esses avanços desde a elaboração (1998) e, assim, assinalam que a variedade de gêneros textuais deve estar presente em sala de aula constantemente, a fim de que os alunos tenham contato direto e possam identificá-los dentro e fora do âmbito escolar.

O termo que rege a proposta dessa pesquisa é “adequação”, em outras palavras, de modo que o professor se adéqua as diversas faces que os textos possam ter, estes contribuem de variadas formas no que tange o conhecimento de gêneros textuais por parte dos alunos. Essa adequação pode, também, caracterizar-se pela visão letrada dos docentes, ou seja, tomado o conceito de letramento como conjunto de práticas sociais para o desenvolvimento de capacidades de escritas, o ensino com gêneros pode enquadrar-se a vivência dos alunos no contexto extraclasse. A seguir apresentamos algumas formas de adequação para o trabalho com gêneros textuais em aulas de língua portuguesa.

- a) Ambientação e participação do contexto familiar no trabalho com carta, conto, artigo de opinião etc.;
- b) Utilização de gêneros literários como poemas e poesias para fins didáticos por meio das relações de sentido;
- c) Constituição de materiais em forma de gêneros textuais no contexto extraclasse abrangendo duas ou mais turmas no mesmo momento.
- d) Criação de horário semanal para atividades sociais envolvendo os diversos gêneros textuais, enfatizando a importância do contato para a relação professor/aluno.

Assim, portanto, podemos acrescentar que a adaptação as simples propostas acima tratadas podem melhorar significativamente a abordagem com gêneros textuais nas aulas de língua portuguesa. Dessa forma, todas as contribuições são válidas desde que sejam sistematizadas e,

principalmente, adequadas as carências e espaços existentes na grade curricular, uma vez que cada docente tem o dever e o direito de planejar diante das necessidades do ensino.

6. Conclusão

Ao refletir sobre um dos aspectos norteadores do ensino da língua materna, diversas teorias se entrelaçam e nos fazem desbravar conhecimentos de cunho inacabáveis. Nesse sentido, exponhamos agora algumas considerações finais acerca das teorias e possíveis práticas de ensino com os gêneros textuais, partindo dos primórdios dos estudos enunciativo.

Partindo do caráter enunciativo, todas as pesquisas atreladas as áreas linguísticas que abrangem a interação tendem a ser expandidas mais precisamente, ou seja, de modo em que partimos dos primórdios, os objetos de pesquisa se estendem e se tornam cada vez mais claros. Dessa forma, os gêneros textuais como aspecto heterogêneo e sujeito a transformações sociais não existiriam sem que houvesse ênfase principal na interação (falada ou escrita)

Podemos compreender que o uso dos gêneros está ligado de maneira direta a língua em uso, isso colabora de modo imprescindível com o aprimoramento da língua oral ou escrita por parte dos discentes que, a partir daí, buscarão suportes e referências para maior compreensão do lhes foi ofertado em sala de aula.

Com isso, portanto, necessitamos vislumbrar que todos os conteúdos aplicados ao ensino de língua materna acabam direcionando-se ao texto e, dessa maneira, aos gêneros. Nessa perspectiva, constatamos que novas metodologias e suportes são sempre bem-vindas, uma vez que analisadas e empregadas de modo correto e sistemático pelo professor em todos os níveis de ensino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Ática, 2003.
- BAKHTIN, M; VOLOCHINOV, V. *Le marxisme et la philosophie du langage*. Essai d'application de la méthode sociologique en linguistique. Paris: Minuit, 1977.
- BENVENISTE, E. A blasfêmia e a eufemia. In: _____. *Problemas de lin-*

guística geral II. Trad.: Ingedore G. Villaça Koch. São Paulo: Pontes, 1989, p. 259-262.

BRASIL, Secretaria do Ensino Fundamental. *Parâmetros curriculares de língua portuguesa*. Brasília: MEC, 1998.

FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação*: as categorias da pessoa, espaço e tempo. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

GIACOMELLI, K. Linguística da enunciação: um campo a ser disciplinarizado. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, vol. XXXIV, p. 833-838, 2005.

KOCH, Ingedore Villaça. Linguística textual: uma entrevista com Ingedore Villaça Koch. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, vol. 1, n. 1, 2003.

_____. Parâmetros curriculares nacionais, linguística textual e ensino de línguas. *Revista do GELNE*, Fortaleza, vol. 4, n. 1, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção de texto, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. *Revista Brasileira de Educação*, n. 11, p. 5-15, maio/ago. 1999.

SWALES, J. M. *Genre analysis*: English in academic and research settings. New York: Cambridge University Press, 1990.